

publicar esse livrinho de versos pacíficos, tendo uma porção de outros, mais belos, mais "estéticos" e muito mais gratuitos.<sup>10</sup>

A escrava que não é Isaura, em terceiro lugar na *Obra imatura*, tem sua história principiada na Semana de Arte Moderna, em 1922. Contemporâneos contam que, em fevereiro daquele ano, Mário de Andrade leu uma poética modernista, no saguão do Teatro Municipal de São Paulo. Em junho de 1924, extraído de uma possível versão de *A escrava que não é Isaura*, existente em maio de 1922, como logo se verá, aparece, na *Revista do Brasil*, o artigo assinado pelo escritor DA FADIGA INTELECTUAL: ANOTAÇÕES SOBRE A POESIA MODERNA.<sup>11</sup> Parcelas desse texto são aproveitadas no APÊNDICE do livro que entra na máquina da Livraria Lealdade, no final desse mesmo ano, pois, em 28 de novembro, o modernista paulistano relata a seu confrade Joaquim Inojosa:

Agradeço-lhe de coração o exemplar da ARTE MODERNA e breve lhe ponderarei à lembrança com a minha *Escrava que não é Isaura*, já em impressão. É um trabalho muito velho. Tem dois anos e tanto. Isso pra evolução rapidíssima em que vamos é uma existência inteira. Creio que ainda poderá ser um pouco útil aos moços do Brasil e é só por isso que o faço imprimir.<sup>12</sup>

Brochura simplíssima, em 24 de janeiro de 1925, sai *A escrava que não é Isaura* (Discurso sobre algumas tendências da poesia modernista), tiragem paga também pelo autor, que dá notícia de uma redação em maio de 1922:

10. Pronunciamento na mesma entrevista. V. ANDRADE, Mário de. *Entrevistas e depoimentos*. Ed. cit., pp. 110-114.

11. *Revista do Brasil*, nº 102, v. 26; São Paulo, jun. 1922, pp. 113-121.

12. INOJOSA, Joaquim. *O movimento modernista em Pernambuco*. Rio de Janeiro: Gráfica Tupy Ltda Editora, 2º vol. [1968], p. 339.

O homem instruído moderno, e afirmo que o poeta de hoje é instruído, lida com letras e raciocínio desde um país da infância em que antigamente a criança ainda não ficara pasmada sequer ante a glória da natureza. Um menino de 15 anos neste maio de 1922 já é um cansado intelectual.<sup>13</sup>

O texto impresso de *A escrava que não é Isaura* recebe rasuras autógrafas em um exemplar de trabalho que se torna o manuscrito de uma nova versão, a qual conjuga dois momentos, precedidos, logo em 1925, pela relação de críticas em periódicos da época, nota a grafite na folha de rosto. A reescritura, também a grafite no primeiro momento e logo após a publicação, correções a erros tipográficos e acréscimos relevantes a respeito do belo (pp. 22-23) e da rima (p. 131). No segundo momento, talvez em 1926, a tinta preta faz acréscimos, atualizando pontos teóricos. A hipótese desta data advém de um programa de cinema de 10 de setembro desse ano, documento encontrado entre as páginas de *An Introduction to Social Psychology*. Nessa sua cópia do livro de William McDougall, editado em 1924,<sup>14</sup> Mário de Andrade destaca trecho que transfere, como citação, para o exemplar de trabalho. O cuidadoso dilatar do arcabouço teórico da poética, tendo em vista a reedição imediata e autônoma, teria sido suficiente para o *scriptor*, pois as rasuras cessam em 1926. Pode-se, porém, asseverar que o exemplar de trabalho embasa o texto da edição de *A ESCRAVA QUE NÃO É ISaura de 1960*, na 1ª edição Martins de *Obra imatura*, porque este, com exceção de duas, assimila as rasuras da pena e do lápis feitas em 1925-1926. Pressupõe-se que Eduardo Camargo tenha se

13. ANDRADE, Mário de. *A escrava que não é Isaura*. São Paulo: Livraria Lealdade, 1925, p. 81.

14. McDUGALL, William. *An Introduction to Social Psychology*. 19ª ed. London: Methuen & CO LTD, 1924. A citação acrescentada à poética corresponde ao trecho destacado por Mário de Andrade com um traço a grafite, à p. 16.